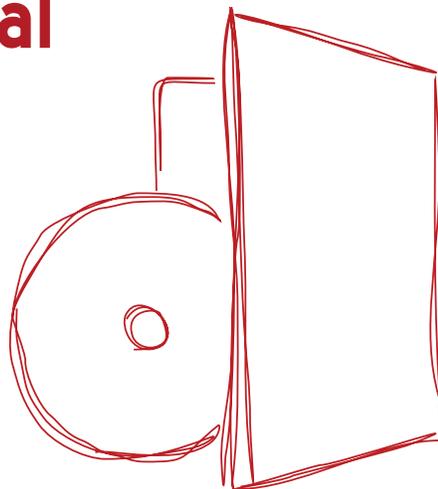


Oficina étnico-racial com uso de mídia na escola: uma proposta didática

Elisângela Jerônima Inácia Andrade Silva
Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Neusa Elisa Carignato Sposito
Doutora em Educação
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Introdução

Esta oficina abre a possibilidade de discussão das relações étnico-raciais no espaço escolar. A proposta surgiu na Pós- Graduação da área de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, dentro da Disciplina Internet e o Ensino da Biologia, que propõe o uso de mídias nas escolas. A oficina fundamentou-se na Lei 12.288, que trata da igualdade racial e na Lei 10.639 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.

Apesar de a sociedade brasileira dizer que não há racismo, percebe-se, claramente, quanto à população geral, que as informações mais significativas, no que diz respeito ao mercado de trabalho e ao nível de instrução, se detêm nas mãos de pessoas brancas. Além disso, fica claro que a população negra (pretos e pardos) possui uma situação desvantajosa em relação aos brancos quanto ao nível de escolaridade, ocupação, emprego e renda (PINTO, 1992).

Essas diferenças surgem na idade escolar, estendendo-se para as demais faixas etárias, sendo a creche e a pré-escola públicas frequentadas, principalmente, por crianças negras. O atraso escolar afeta principalmente o negro, em toda sua vida estudantil, particularmente no Nordeste, onde crianças entre 7 e 9 anos ainda frequentam a pré-escola, sendo que deveriam estar no 1º grau de escolaridade (PINTO, 1992).

A diferença de conhecimento entre brancos e negros, de acordo com Pinto (1992), deve-se, principalmente, pela entrada tardia das crianças na escola devido à dificuldade de acesso ou devido à trajetória escolar do negro ser mais lenta

e mais difícil do que a do branco. Esse fato reflete em altos índices de repetência, exclusão e saídas e entradas do sistema de ensino (PINTO, 1992).

Este quadro de racismo não ocorre somente na vida escolar do negro, mas também nos meios de comunicação, especialmente em propagandas, nas quais a população negra tem baixa representatividade. Fica bastante aparente, no século XX, a forma desumana com que muitos livros, peças teatrais e filmes retratam a pessoa negra. Já em relação à publicidade e propaganda, o segmento branco hegemônico ainda é o preferencial ou exclusivo (ESTEVES, 2006).

No atual panorama, é preciso nos conscientizarmos de que o Brasil é um país multirracial e pluriétnico, onde índios e negros possuem papel fundamental na sociedade. Portanto, cabe à escola inserir em seus currículos as leis 12.288/2010 e 10.639/2003, que tratam da igualdade entre as pessoas, para que, através de tais leis, elas possam usufruir com plenitude sua condição de cidadão, independente de raça/etnia. É no colégio que o indivíduo tem a possibilidade de aprender a agir de forma mais humana e harmoniosa uns com os outros, pois são as diferenças que fazem com que a sociedade cresça e se torne mais igualitária (SANTOS, 2006).

Assim, é importante que o ambiente escolar, através de suas práticas pedagógicas e de seus instrumentos, intervenha na realidade que exclui o negro (pretos e pardos), buscando o acesso aos direitos humanos fundamentais. Para que isso ocorra, é importante que esse ambiente seja um espaço educativo, onde haja respeito mútuo, buscando eliminar discriminações e preconceitos, desfazendo estereótipos, estimulando a autoimagem e autoestima do alunado e promovendo, dessa forma, a igualdade entre as pessoas (SANTOS, 2006). Nesse sentido, ressaltamos a importância desta oficina para mudar o atual quadro de "racis-

mo mascarado” que persiste no Brasil.

São objetivos desta oficina:

Objetivo Geral

- Promover a igualdade racial nas escolas, bem como a harmonia entre as pessoas, a fim de favorecer o bem e a prosperidade na sociedade, tornando-a mais justa e igualitária.

Objetivos específicos

- Promover estudos e reflexões relacionados à história e cultura afro-brasileiras e africanas em consonância com a lei 12288, que trata da igualdade racial, despertando no aluno o respeito aos negros e a sua cultura;

- Promover estudos e reflexões relacionados às culturas afro-brasileira e africana em consonância com a lei 10639, que trata da obrigatoriedade do ensino da história afro-brasileira no ensino da educação básica;

- Promover a harmonia, o trabalho em equipe, o respeito ao próximo e a igualdade racial no ambiente prisional.

Desenvolvimento

A oficina foi realizada na Escola Estadual Sebastião Silvério de Faria, situada dentro de uma unidade prisional, na cidade de Patos de Minas/MG. Foi aplicada a 30 (trinta) estudantes do ensino fundamental e médio do EJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos) e foram necessárias cerca de seis aulas para sua execução.

É importante ressaltar que todo o material resultante da oficina foi feito pelos próprios estudantes. Portanto, foi transcrita aqui, na íntegra, a maneira como escreveram e desenvolveram seus trabalhos, sem correção de português, por exemplo. Além disso, os nomes dos autores foram mantidos em sigilo, já que se trata de uma instituição prisional.

A oficina ocorreu de acordo com três momentos pedagógicos: **problematização, sistematização e aplicação**. Na problematização, o docente leva os alunos a refletirem sobre algum tema, levantando questões norteadoras que serão respondidas pelos alunos a partir de suas concepções alternativas (DELIZOICOV, 2001).

A problematização, conforme Delizoicov (2001), contribui para a introdução de um novo conhecimento, não se restringindo apenas à resolução de problemas de acordo com o que foi inserido em sala de aula. Ela possibilita que o aluno seja condutor de seu processo ensino-aprendizagem, pois os problemas passam a ter um significado para ele. Além disso, a problematização favorece a discussão em sala de aula, contribuindo para que haja um diálogo ente docente e discente, possibilitando o sucesso escolar e des-

pertando no aluno o interesse, a curiosidade e a formação de opinião sobre algum tema.

Segundo Delizoicov (2001), já na sistematização ou organização do conhecimento, há a inserção de conhecimentos científicos pontuados pelo docente a partir das concepções alternativas trazidas pelos estudantes. Neste momento, o docente deverá empregar diversas maneiras de inserir tais conhecimentos.

Com a aplicação, Delizoicov (2001) afirma que fica fácil para o docente perceber o que o aluno aprendeu e o que ficou como dúvida em relação ao tema abordado. O aluno analisará e interpretará tanto as situações iniciais que foram colocadas diante dele, quanto novas situações que poderão surgir ao longo de seus estudos.

Antes de iniciar a oficina, os alunos foram colocados em dupla para que pudessem realizar as atividades ministradas pelo professor, pois, de acordo com Vigotsky (apud FINO, 2001):

“A atividade socialmente organizada é importante para a construção da consciência, que se forma através da capacidade que os humanos têm de se empenharem em formas sociais de atividade produtiva e construtiva. Assim, as estruturas cognitivas e sociais são compostas e residem na interação entre pessoas.”

Portanto, o trabalho em equipe ou em dupla favorece o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a troca de informações entre os alunos facilita a ativação do processo cognitivo: um aprende com o outro através da zona de desenvolvimento proximal, que representa o que o sujeito consegue fazer sozinho e o que ele consegue fazer com a ajuda de pessoas que tenham experiência naquilo que ele deseja aprender.

Vigotsky ressalta a importância do aprendiz ter alcançado um determinado estado de aprendizagem para aprender algo superior àquilo que já se sabe. Deste modo, o aprender é uma técnica social e o conhecimento é algo socialmente construído. Neste sentido, para que haja o sucesso na aprendizagem, não basta a interação instrutor-aprendiz, mas também deve ser levado em conta o ambiente em que ocorre a comunicação (FINO, 2001).

Como explicado anteriormente, o trabalho foi realizado em três momentos pedagógicos conforme Delizoicov (2001):

1º Momento - Problematização: uma vez que os alunos já estavam em duplas, neste primeiro momento, foram-lhes distribuídas três tipos de fotos de homens: um homem mulato, um homem branco e um homem negro. Em sequência, fotos de três tipos de casas: uma casa de luxo, uma intermediária e uma muito simples. E ainda imagens de três tipos de carros: um carro luxuoso (BMW), um popular (Uno Mile) e um muito simples (Fusca - bastante antigo). Posterior-

mente, foi pedido aos alunos que, em um cartaz, dessem aos homens seus respectivos carros, casas e automóveis. Após, foi realizada uma plenária na qual os alunos explicaram porque deram a casa e os automóveis aos seus respectivos donos. Depois, imagens com teor racista também foram distribuídas, aproveitando-se para perguntar aos estudantes sobre as seguintes questões norteadoras: Você conhece alguém que já sofreu discriminação por ser negro? Você se considera uma pessoa racista? Você acredita que a cor interfere no nível de conhecimento de uma pessoa ou em seu desempenho profissional? Você acredita que o DNA (principal constituinte da raça humana) dos negros é pior do que o DNA das pessoas brancas? Mais uma vez os alunos discutiram entre si e apresentaram suas respostas no decorrer das aulas.

2º Momento – Sistematização ou Organização do conhecimento: foram trabalhadas as leis 12.288, que trata da igualdade racial, e 10639, que trata da obrigatoriedade de ensino da história afro-brasileira na educação básica, além do texto “Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas?” (PENA; BORTOLINI, 2004).

Com base nesses materiais, foram abordados os seguintes pontos:

- A igualdade independente da cor da pele;
- A necessidade de iniciar ações corretivas para sanar essa situação de desigualdade, adotando políticas públicas compensatórias de ação afirmativa, entre as quais a reserva de vagas universitárias, agora amplamente discutida, dentre outras ações que favoreçam os negros no aspecto socioeconômico;
- Estudo do *Homo sapiens sapiens*: Gênese na África e Dispersão - as diferenças que temos refletem apenas adaptação evolutiva das populações geograficamente diversificadas de *Homo sapiens sapiens* ao seu hábitat e não servem para atestar a existência de raças dentro de nossa espécie.

- Classificando as pessoas

Lewontin (apud PENA; BORTOLINI, 2004), após a utilização de polimorfismos genéticos clássicos (grupos sanguíneos, proteínas séricas e isozimas), publicou seus resultados há mais de três décadas: um estudo seminal que testou a validade do conceito de “raça” dentro da nossa espécie. Ele determinou que 85,4% da variação era encontrada entre indivíduos de uma mesma população; 8,3% entre populações dentro de uma mesma “raça” e apenas 6,3% entre as chamadas “raças”, o que inviabilizaria a utilização do termo para a espécie humana em um contexto biológico. Ressalta-se que tal variação foi baseada na utilização de polimorfismos genéticos. Inúmeras investigações posteriores corroboraram esses achados/ideias iniciais e mostraram ainda que não há saltos quânticos nas distribuições alélicas

entre as diferentes regiões da Terra, mas apenas gradientes.

- As diferenças icônicas de “raças” correlacionam-se bem com o continente de origem (já que são selecionadas), mas não refletem variações genômicas generalizadas entre os grupos. Desta forma, deve ficar claro que se/quando a expressão “raça” for utilizada, ela irá representar uma construção social, política ou cultural, e não uma entidade biológica. Apesar disso, as sociedades humanas construíram elaborados sistemas de privilégio e opressão baseados nessas insignificantes diferenças genéticas, que envolvem pouquíssimos genes;

- O encontro de ameríndios, europeus e africanos em terras brasileiras propiciou uma intensa mistura gênica entre colonizadores, colonizados e escravizados desde o início desse contato. Por séculos, a extensão dessa mescla foi mensurada por meio de critérios de aparência física. Inúmeros termos surgiram, ao longo dos anos, para definir e classificar pessoas que tinham como ancestrais africanos, europeus e ameríndios em várias combinações: mulato, cafuzo, caboclo, mameluco, pardo e dezenas de outros, muitos dos quais impregnados de preconceitos. Entretanto, com a explosão da genética de populações propiciada pelos estudos do DNA (CAVALLI-SFORZA, 1998), foi possível observar que a extensão e a abrangência da mistura gênica eram muito maiores do que inicialmente se supunha com base apenas em critérios de natureza morfológica, e que havia uma correlação muito tênue entre cor da pele, textura dos cabelos, outros atributos físicos e ancestralidade (PARRA et al, 2003);

- Proporção de pessoas com ancestralidade mitocondrial africana no Brasil;

- Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e das ações afirmativas?

Após a abordagem dos pontos citados acima, foi realizado um debate no qual os alunos pontuaram suas opiniões acerca do racismo e das cotas universitárias.

Para melhor sistematização do conhecimento, foram utilizadas as mídias Televisão e DVD, pois segundo Almeida (2009, p. 76):

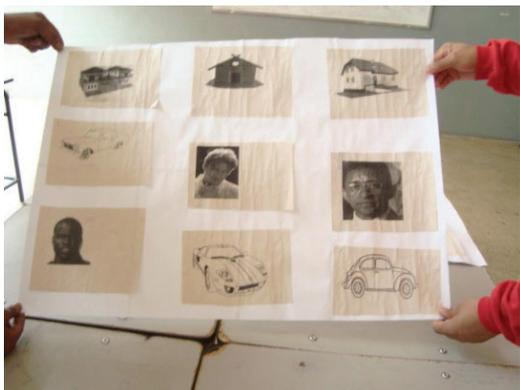
“Considerando-se que interagir por meio de uma tecnologia implica aprender uma linguagem entendida como atividade criadora da constituição de sujeitos e apropriação de um sistema de referência de mundo (FRANCHI, 1992), torna-se necessário não só introduzir tecnologias nas escolas, mas, sobretudo, integrá-las numa perspectiva crítica que proporcione condições político-pedagógicas para que educadores, alunos e comunidade compreendam e utilizem as linguagens das mídias, expressem o pensamento, dialoguem, desenvolvam a criatividade e a criticidade.”

O filme exibido para os alunos foi **Duelo de Titãs**. Nele, um técnico de futebol americano, ne-

gro (Denzel Washington), é contratado para dirigir uma equipe de alunos brancos e negros. O técnico consegue fazer com que ambos se respeitem e formem um time único e indestrutível: os Titãs. Vale a pena ressaltar que, durante a exibição do filme, foram pontuados os aspectos mais relevantes que contemplavam o tema em questão.

3º momento – Aplicação do conhecimento: esta etapa foi crucial para o docente. Nela, os alunos foram divididos novamente em duplas e produziram materiais como paródias, textos e charges contemplando tudo o que haviam aprendido na oficina.

Figura 1: Resultado real do que o alunado pensa em relação ao poder.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3: Término da montagem do trabalho para ser exposto.



Fonte: Arquivo pessoal

Como resultado da aplicação dos conhecimentos, os alunos conseguiram expressar o que aprenderam com a oficina étnico-racial através de

Resultados e discussões

Os resultados do primeiro momento demonstraram que a população em geral enxerga o negro como sendo pobre, miserável e com pequenas chances de sucesso. Os alunos, em sua maioria, deram a casa e o carro mais simples para o negro; para o mulato, a casa e carros populares e para o branco, a casa e o carro luxuosos.

Abaixo, seguem as fotos dos trabalhos desenvolvidos.

Figura 2: Tentativa do alunado em “equilibrar” a situação sócioeconômica entre brancos e negros.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4: O alunado “brinca” com os bens materiais de brancos e negros, dando carros luxuosos a quem possui casa simples e carros simples a quem tem casa luxuosa.



Fonte: Arquivo pessoal

charges, textos e paródias, nas quais pontuaram de forma bastante positiva tudo o que haviam internalizado. A seguir, alguns trabalhos realizados:

Charge

Figura 5: Representa como o aluno enxerga a questão do preconceito racial.



Fonte: Arquivo pessoal

Texto

O Racismo é um ato de ignorância

"Diga não ao racismo

Racismo é crime

Somos todos iguais,

Não discrimine as pessoas

Pela sua cor Por quê

A cor da pele quer dizer nada,

Somos todos filhos do mesmo Pai.

Não seja ignorante e rancoroso

Não julgue as pessoas pela cor

Pois quem julga será julgado."

Paródia: Dormindo na praça

"Topei com o mulato lá na rua,

Fale com os estrangeiro, que fujão (aqui: estrangeiros ou estrangeiro)

Ele é um assaltante de mão cheia.

E bem na hora ah, ponto alto do morro

Um cidadão grito. Seu guarda eu não sou vagabundo sou

Um cara honesto e trabalhador direito eu sou sincero.

Só por causa da minha cor eles mim julgou, sou um pai de famílias, trabalhador."

Considerações finais

Com a oficina, foi possível trabalhar as leis 12.288 e 10.639 de uma maneira desafiadora. O texto de apoio e o filme serviram como base para tratar de um assunto de grande relevância em nossa sociedade. A metodologia utilizada para a inserção dos conhecimentos - os três momentos pedagógicos aliados ao uso de mídias na escola - favorecem a identificação, por parte dos docentes, dos conhecimentos adquiridos pelos alunos e da necessidade, ou não, de retomar o conteúdo e sanar possíveis dúvidas.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: o compartilhar de significados. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 79, p. 75-89, jan. 2009.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 10 de jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em: 14 jul. 2015.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.288, de 20 de julho de 2010.** Estatuto da igualdade racial. Brasília: MEC, 2010.

CAVALLI-SFORZA, L. L. "The DNA Revolution in Population Genetics". **Trends Genet.**, n. 14, 1998, pp. 60-65.

DELIZOICOV, D. **Problemas e problematizações.** Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=delizoicov+problemas+e+problematiza%C3%A7%C3%B5es&btnG=&lr=>>> Acesso em: 03 de dez. de 2014.

ESTEVES, M. O racismo constrói a sociedade civil e as instituições indiscriminadamente. Maíra Esteves entrevista Nelson Olokafá Inocêncio. **PADÊ : estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos.** Brasília, UniCEUB, FACJS, v. 1, n.1, 2006.

FINO, C. N. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): Três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação.** v. 14, n. 2. 2001.

PARRA, F. C. et al. "Color and Genomic Ancestry in Brazilians". **Proc. Natl. Acad. Sci. USA**, n. 100, 2003, pp. 177-182.

PINTO, R. P. Raça e Educação: Uma articulação Incipiente. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 80. Fevereiro. 1992.

PENA, S.D.J.; BORTOLINI, M.C. Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas? **Estudos Avançados**. v. 18, n.50. São Paulo Jan./Abr. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100004&script=sci_arttext> Acesso em: 12 de Nov. 2014.

SANTOS, S. Proposta pedagógica. **Currículo, relações raciais e cultura afro-brasileira**. Boletim 20. Out. 2006.

